

A imigração alemã no Brasil e a ética weberiana: a impossibilidade de uma teoria

*André Voigt**

SOUZA, Jessé de (Org.). **O malandro e o protestante** a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1999, p. 315.

Esta coletânea de artigos, organizada pelo Prof. Jessé de Souza (Doutor em Sociologia pela Universidade de Heidelberg), contou com a participação de vários autores do Brasil e do exterior, que pesquisam temáticas relacionadas à obra de Max Weber. Como participação em destaque, cabe mencionar o nome do Prof. Wolfgang Schluchter (Ph. D. em Sociologia, Professor da Universidade de Heidelberg e Diretor do Max Weber Kolleg, em Erfurt, Alemanha), que é considerado “um dos principais intérpretes e continuadores da obra de Max Weber” pelas palavras do organizador.

Mesmo que toda a coletânea seja interessante, será feita uma análise mais aprofundada sobre o primeiro artigo, intitulado “A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro”, escrito por Jessé de Souza, cujas reflexões são importantes para uma revisão teóri-

* Departamento de História - Universidade Regional de Blumenau.

co-metodológica dos estudos sobre a história brasileira, especialmente acerca da importância da imigração alemã no Brasil.

O autor inicia seu estudo questionando a atividade de intelectuais brasileiros que utilizaram a teoria weberiana para justificar o “atraso” brasileiro, em comparação com a “modernidade” dos Estados europeus e, principalmente, dos Estados Unidos da América.

Para contextualizar a argumentação desses autores brasileiros, Souza expõe as particularidades da sociologia da religião de Weber a respeito do processo de racionalização do Ocidente, realizado através da esfera religiosa. Para Weber, o dualismo ocidental, em comparação ao dualismo oriental, obtém uma especificidade, que é a sua maior ênfase na ética e menor na ritualística, o que torna claro o conflito existente entre a esfera ético-religiosa e as demais esferas mundiais, levado para o cristianismo através do judaísmo.

No entanto, o autor esclarece que existe uma grande diferença ético-religiosa entre católicos e protestantes ascéticos:

Se, no catolicismo, verifica-se uma ênfase em uma estratégia de *compromisso* entre ética e mundo, no protestantismo ascético observa-se a continuidade e o aprofundamento da ética judaica antiga, a qual enfatiza precisamente a *tensão* entre ética e mundo (p. 25, grifos nossos).

Dessa forma, para os protestantes ascéticos, a única forma de transcender essa tensão seria moldar eticamente o mundo, através da realização prática na sociedade, o que caracteriza a *ascese laica*, própria das religiões calvinistas. Os calvinistas, que seguem a doutrina da predestinação, teriam liderado as mudanças culturais nos países capitalistas tidos como mais adiantados.

Com efeito, Souza enfatiza que a doutrina da predestinação calvinista

[...] implica uma distinção radical tanto em relação ao catolicismo quanto ao luteranismo, na medida em que ambos defendem não só uma outra concepção de divindade, mas também um conceito essencialmente distinto da piedade divina (p. 26).

Essa afirmação é importante, uma vez que Weber caracteriza o luteranismo como uma doutrina que não prevê a mesma resistência ativa do que os calvinistas quanto à interferência na esfera política. Os calvinistas resistem à coação secular em assuntos de fé através da guerra “santa” ou “justa”, que procura moldar a atuação política de acordo com os princípios religiosos. O luteranismo, para Weber, só conhece a resistência passiva e a obediência à autoridade secular, uma vez que a responsabilidade da guerra cabe a ela, e não ao indivíduo religioso¹.

Para complementar a argumentação de Souza a respeito do protestantismo ascético, o autor coloca que o calvinismo superou o conceito de vocação em Lutero, na medida em que “o objetivo da salvação e o caminho da salvação passam a exercer uma influência recíproca de forma a propiciar uma condução de vida metódica religiosamente determinada” (p. 27).

Nota-se que a crítica de Weber a certos aspectos da mentalidade alemã não se restringem apenas à esfera ético-religiosa, mas também às instituições políticas da Alemanha. O autor cita uma frase de Weber, quando este escreve em uma carta a Adolf Harnack em 1906, que: “O fato de nossa Nação jamais ter sido formada na escola do protestantismo ascético é a fonte de tudo aquilo que odeio nela e em mim mesmo” (p. 29). Dessa forma, Weber identificaria a tradição racionalista e individualista da Inglaterra, ao contrário da versão do protestantismo emotivo e grupal da Alemanha, como a mais eficiente forma de organização social do Ocidente.

Quando este debate foi inserido na produção intelectual sobre o Brasil, Jessé de Souza cita vários autores nacionais que, de alguma forma, se utilizaram de facetas da análise weberiana para interpretar a situação social brasileira.

O primeiro caso seria a interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, que no seu “Raízes do Brasil” (1936), coloca uma contraposição cultural: A tradição “individualista-amoral” do brasileiro em comparação ao associativismo racional, típico dos países protestantes ascéticos. O “homem cordial” de Holanda seria “o inverso perfeito do protestante ascético como definido por Max Weber” (p. 34).

Outros exemplos estariam em Viana Moog, que no seu “Bandeirantes e pioneiros” deixa clara uma comparação do Brasil com os Estados Unidos da América (EUA), afirmando que os Estados Unidos são o único país que nasceu calvinista, portanto, baseado na ética do trabalho e no pragmatismo econômico. O brasileiro seria, para Moog, personalista e, por isso, o oposto do pioneiro americano.

No entanto, Moog faz uma comparação simbólica do pioneiro estadunidense com o bandeirante paulista, na medida em que ambos representam para o desenvolvimento destes dois lugares algo bastante positivo. Essa temática foi aprofundada por Simon Schwartzman, no seu “São Paulo e o estado nacional”, em que realça a peculiaridade histórica do desenvolvimento de São Paulo a partir da “mentalidade empreendedora” do bandeirante paulista (p. 38- 43). Em contraponto a Schwartzman, Souza admite que:

Se é verdade que, especialmente com a maciça importação de mão-de-obra europeia a partir da segunda metade do século XIX em todo o Brasil meridional, temos um padrão social significativamente diferente do que imperava no Brasil escravocrata, a particularidade paulista é um recurso de fantasia (p. 41).

Cabe aqui colocar algumas reflexões sobre o artigo de Jessé de Souza quanto à produção historiográfica sobre a imigração europeia a partir do século XIX no Sul do Brasil.

Se o protestantismo ascético não possui relações com a imigração, principalmente alemã, no Brasil meridional dos séculos XIX e XX, e a própria sociedade alemã até a Primeira Guerra Mundial não era um modelo de estruturação social a ser seguido pelo Ocidente, há um erro metodológico na conclusão de muitos historiadores da imigração no Sul do Brasil, que afirmam que a imigração foi a antítese da tradição individualista e, por sua vez, do atraso social do resto do Brasil. É necessário discernir que *diversidade* não significa, necessariamente, *antítese*.

A conclusão interpretativa de muitos autores, que argumentam ser a imigração alemã luterana a primeira alternativa para a modernização do Brasil, parece fruto de uma apreensão um tanto descuidada da tese weberiana, o que torna urgente a *necessidade de*

revisão interpretativa sobre a história da imigração no Sul do Brasil a partir do século XIX, para que não se perpetuem os rótulos históricos, advindos muito mais do senso comum do que de uma pesquisa histórica mais aprofundada.

Nota

1. WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982, p. 385-386.